

MEMÓRIA QUEER

Não-binariedade e Espiritualidade dissidente em Public Universal Friend (1752-1819)

Blue Mariro¹

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Resumo

Este artigo propõe uma análise crítica da figura histórica de Public Universal Friend (PUF) a partir de uma perspectiva interseccional que articula teologia queer, estudos de gênero e história da religião. A pesquisa busca compreender como PUF, ao rejeitar uma identidade de gênero binária após uma experiência de quase morte no século XVIII, desestabilizou os sistemas teológicos e normativos de sua época, promovendo uma espiritualidade alternativa que transcendia os enquadramentos sociais, corporais e identitários vigentes. Com base em revisão bibliográfica de caráter qualitativo, foram mobilizadas obras de referência nas áreas dos estudos queer e da teologia indecente, especialmente as contribuições de Marcella Althaus-Reid (2003, 2019, 2023) e Judith Butler (1990, 2007), bem como fontes históricas e acervos digitais sobre PUF disponibilizados por instituições norte-americanas. A metodologia adotada é de cunho analítico e interpretativo, com enfoque hermenêutico, buscando compreender a construção discursiva e simbólica da figura de PUF, sua atuação profética e a recepção de sua liderança religiosa por sua comunidade. O artigo também examina o impacto sociopolítico de sua existência dissidente no contexto da colonização inglesa na América do Norte e como a rejeição das categorias de gênero por parte de PUF foi compreendida, tensionada ou apagada nos registros históricos. A análise evidencia que sua identidade não se sustentava na negação de um gênero específico, mas na superação de qualquer forma de normatividade imposta, propondo um modo de ser ético, espiritual e radicalmente livre. Por fim, argumenta-se que a reemergência de PUF nos estudos contemporâneos está diretamente ligada ao avanço das teorias queer e da teologia inclusiva, que oferecem novas lentes para reconhecer vidas historicamente silenciadas. O caso de PUF convida à ampliação do campo das ciências da religião para além das epistemologias hegemônicas, abrindo caminho para investigações que integrem espiritualidade e dissidência de gênero como categorias legítimas de análise.

Palavras-chave

Não-binariedade; Diversidade; Teologia Queer; Public Universal Friend; Quaker.

¹ Doutor em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) Email: dr.bluemariro@gmail.com Orcid: 0009-0000-4601-6516



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da licença *Creative Commons* Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos, desde que a obra original seja devidamente citada.

Introdução

A relação entre dissidência sexual e de gênero e a religiosidade cristã tem sido historicamente marcada por tensões ideológicas, resistências e reinvenções ao longo dos séculos. As normas binárias de gênero, presentes em muitas instituições religiosas, não apenas moldam compreensões sobre moralidade e espiritualidade, mas também influenciam a maneira como o corpo é politicamente construído e experienciado (Althaus-Reid, 2023).

Como observa Boehler (2017), a celebração de corpos dissidentes, incluindo mulheres, pessoas trans e queer desafia a teologia normativa e propõe uma espiritualidade encarnada na diversidade. Essa perspectiva ressoa com a proposta de Althaus-Reid (2019), para quem a teologia queer desloca Deus do altar hierárquico e o situa em relações horizontais de aceitação incondicional.

Conforme Althaus-Reid (2019), o Deus na teologia queer é removido do altar e da posição de verticalidade, rompendo com a estrutura hierárquica tradicional e reivindicando um espaço de igualdade. Portanto, para a autora, se nos bancos da Teologia tradicional, o ser humano deve amar Deus acima de todas as coisas, na teologia queer ele poderá experimentar outras narrativas, nas quais Deus só será amado se aceitar a dissidência de sexualidade e/ou gênero de forma inquestionável, sem que surja a necessidade de acusações morais, vigilância ou controle dos corpos dissidentes.

A teologia queer, na esteira de Althaus-Reid (2019), opera uma guinada epistemológica: em vez de conceber o divino a partir de modelos fixos, propõe que o sagrado se manifesta justamente nas fissuras das normatividades (Louro, 2018). Nessa perspectiva, reconhecer Deus na diversidade humana significa admitir que a experiência do transcendente pode emergir de existências que escapam aos enquadramentos tradicionais. Ao rejeitar um Deus cisgênero e binário, a teologia queer não apenas amplia o imaginário religioso, mas desloca a própria noção de sacralidade para territórios antes considerados marginalizados. Essa abordagem, portanto, não é apenas inclusiva, mas desestabilizadora: ela convida a um encontro com o divino que subverte as estruturas cis-heteronormativas e celebra a fluidez identitária como expressão legítima do humano e do sagrado. (Althaus-Reid, 2019).

Portanto, é fundamental para a teologia queer o resgate de figuras históricas

que desafiaram paradigmas normativos. Tais figuras podem se constituir como referências potentes para os debates contemporâneos sobre diversidade, gênero e religião. Entre essas figuras, destaca-se Public Universal Friend, pessoa que, no século XVIII, rejeitou seu nome de nascimento e qualquer identidade de gênero, assumindo uma missão profética pautada em valores de reforma espiritual (Moyer, 2015).

Este artigo tem como objetivo analisar a trajetória de Public Universal Friend, enfocando sua vivência religiosa marcada por uma experiência de não-binariedade de gênero. Utiliza-se metodologia qualitativa, baseada em revisão bibliográfica e análise documental, com suporte teórico de estudos de gênero, teoria queer e teologia queer. Foram consultadas obras acadêmicas, arquivos históricos e registros digitais de instituições como a New York Public Library, a Providence Public Library e o Museum of the American Revolution. A escolha dessas fontes visa garantir o rigor histórico da abordagem, respeitando tanto os relatos contemporâneos de Public Universal Friend quanto as interpretações críticas mais recentes. A análise é construída a partir de uma perspectiva interdisciplinar, articulando história da religião, teologia e estudos de gênero.

A presente pesquisa, inicialmente, apresenta-se o contexto histórico e religioso da América do Norte do século XVIII, destacando o surgimento do Quakerismo e os princípios de autonomia espiritual que permitiram a emergência de experiências religiosas dissidentes, como a vivida por Public Universal Friend (PUF). Em seguida, são discutidas as concepções de gênero e sexualidade a partir da teologia queer e dos estudos de gênero, articulando conceitos de não-binariedade e performatividade de gênero à experiência de PUF. O texto então explora a trajetória biográfica de PUF, incluindo sua renúncia ao nome de nascimento, a recusa de pronomes de gênero e a constituição de uma comunidade religiosa baseada em valores de igualdade e espiritualidade inclusiva.

Na sequência, analisa-se a dimensão sociopolítica de sua liderança e os mecanismos de resistência e recepção de sua identidade dissidente, conectando essas práticas com reflexões contemporâneas sobre espiritualidade queer. Por fim, o artigo aborda a resignificação da memória de PUF nos séculos XX e XXI, destacando sua relevância para os debates atuais sobre dissidência de gênero, autonomia identitária e pluralidade espiritual, concluindo com considerações sobre a contribuição

de sua trajetória para a expansão das epistemologias religiosas e queer.

Espiritualidade Quaker e Experiências Religiosas Dissidentes: o caso de Public Universal Friend

A América do Norte do século XVIII era palco de intensas transformações sociais e religiosas. O chamado primeiro grande despertar, um movimento de renovação protestante, estimulou experiências espirituais mais emocionais e pessoais, questionando a autoridade das igrejas estabelecidas, valorizando a experiência individual da fé (Noll, 2002; Gomes, 2009). Nesse cenário, o Quakerismo se destacou por sua defesa da experiência direta com o divino e por certa flexibilização de papéis de gênero na liderança religiosa. Foi nesse contexto que surgiu Jemima Wilkinson, criada em uma família Quaker e influenciada por essas ideias de espiritualidade autônoma e reforma moral. Elementos que abriram caminho para uma vivência religiosa que desafiava as estruturas normativas vigentes (Daniels, Healey e Kershner 2018; Larson, 2014; Moyer, 2015).

O Quakerismo, desde suas origens no século XVII, privilegiou a “Luz Interior” como acesso direto ao divino, dispensando intermediários clericais. Essa ênfase na autonomia espiritual, como notam Dandelion (2007) e Brekus (1998), criou aberturas para lideranças marginalizadas, incluindo mulheres, contexto que ajudaria a moldar o surgimento de figuras dissidentes como PUF. No contexto do século XVIII, tais princípios criaram um ambiente propício para experiências religiosas dissidentes, como a de Public Universal Friend, que se desenvolveu a partir desse solo teológico fértil e contestador (Jones, Sharpless e Gummere, 1911; Barbour e Frost, 1988).

Jemima Wilkinson, nasceu em 1752, na colônia de Rhode Island, estado localizado na região nordeste dos Estados Unidos. Rhode Island foi fundada por Roger Williams em 1636, após ser banido da colônia de Massachusetts por suas ideias sobre separação entre Igreja e Estado e liberdade de consciência. Ele estabeleceu a cidade de Providence como um refúgio para todas as pessoas perseguidas por motivos religiosos (Gaustad, 2001; Hamm, 2003).

A doença grave que acometeu Jemima Wilkinson em 1776 desencadeou uma transformação identitária radical: ela declarou ter 'morrido' para renascer como Public Universal Friend, abandonando nome de batismo e recusando pronomes de gênero. Larson (2014) interpreta esse evento como uma 'performance teológica de ausência

de gênero', destacando seu caráter disruptivo frente às categorias identitárias do século XVIII. A partir dessa leitura, argumentamos que o gesto de PUF vai além da mera recusa: trata-se de uma desestabilização ativa do sistema sexo-gênero através de uma narrativa espiritual de morte e renascimento (Juster, 2018).

Conforme a Providence Public Library (s.d), Public Universal Friend vestia-se de maneira que contemporâneos do século XVIII poderiam perceber como fora das normas de gênero, usando roupas tradicionalmente associadas a pastores homens cisgênero. Sua aparência era considerada andrógina para os padrões da época, refletindo uma recusa deliberada em se enquadrar nas categorias de gênero convencionais. Essa escolha de vestimenta fazia parte de sua performance religiosa e simbólica, reforçando sua identidade como líder espiritual que desafiava normas sociais e religiosas, sem se vincular a uma identidade masculina ou feminina tradicional.

Como liderança da Sociedade dos Amigos Universais, pregava a castidade, a humildade e a igualdade espiritual. Seus seguidores aceitavam sua identidade, referindo-se a PUF de forma neutra, enquanto a sociedade em geral via sua existência com desconfiança ou escárnio. A figura de PUF rompeu com o modelo de profeta associado ao gênero masculino, desafiando normas sociais e religiosas vigentes no período (Providence Public Library, s.d.).

Embora Public Universal Friend tenha vivido em uma época anterior ao debate contemporâneo sobre pronomes neutros, sua recusa explícita em ser nomeada por pronomes de gênero marcou uma postura radical e incomum no século XVIII. Preacher PUF rejeitava tanto “he/him” quanto “she/her”, exigindo que fosse referida apenas por seu título ou nome (Larson, 2014).

Esse posicionamento desafiava profundamente as normas linguísticas da língua inglesa, que à época não possuía formas amplamente reconhecidas de pronomes neutros. Em decorrência disso, a atitude de Preacher PUF antecipa discussões atuais sobre linguagem inclusiva, não como um capricho moderno, mas como uma expressão de identidade e agência pessoal frente a uma linguagem estruturada por binarismos (Baron, 2020).

Para Larson (2014) e Moyer (2015), a experiência de PUF pode ser compreendida como parte de uma genealogia mais ampla de espiritualidades dissidentes nos séculos XVIII e XIX. Assim como algumas mulheres líderes religiosas

e fundadoras de movimentos espirituais marginalizados, PUF articulou sua identidade com um chamado espiritual que desafiava o controle institucional das igrejas. Essa vivência também pode ser comparada a expressões religiosas contemporâneas, como a teologia queer cristã e a liderança de pessoas não binárias em comunidades espirituais. Assim como descreve Barros e Bairrão (2015) e Birman (2005), em práticas de terreiros de matriz africana, entidades como Exu e Pomba Gira frequentemente transcendem categorias rígidas de gênero, desempenhando papéis que desafiam estereótipos e expectativas normativas sobre masculinidade e feminilidade.

O sacerdócio exercido por Public Universal Friend pode ser interpretado à luz da teologia queer proposta por Althaus-Reid (2003, 2019 e 2023), que desafia a normatividade sexual, de gênero e espiritual presente na tradição cristã. Para Althaus-Reid (2003, 2019 e 2023), os corpos dissidentes, ao ocuparem espaços de espiritualidade, revelam uma face oculta e marginalizada da experiência de Deus, muitas vezes silenciada pelas teologias hegemônicas.

A insistência de PUF em não se fixar a uma identidade binária, aliada ao seu papel profético, configura mais do que uma exceção histórica: trata-se de uma ruptura teopolítica. Seu corpo andrógino, sua pregação e sua performance pública funcionaram como um contra-dispositivo que desestabilizava as fronteiras entre sagrado e profano, masculino e feminino, líder e comunidade.

Nesse sentido, a trajetória de PUF materializa o que Althaus-Reid (2023) chamou de “lugar indecente” da teologia: um espaço de recriação do divino a partir de corpos e experiências marginalizadas. Longe de obedecer a normas de pureza corporal ou identitária, a espiritualidade encarnada por PUF emergia justamente da carne considerada abjeta, pública, dissidente e revolucionária.

Expressões de gênero dissidentes

A não-binariedade é uma identidade de gênero que não se enquadra nas categorias tradicionais de “masculino” ou “feminino” e, em alguns casos, envolve a recusa de se conformar a qualquer classificação de gênero preestabelecida (Reis e Castro, 2019). As pessoas não binárias podem se identificar com aspectos de ambos os gêneros, com nenhum deles ou com um gênero diferente daqueles reconhecidos

pelo sistema binário. A recusa de PUF em se fixar a “homem” ou “mulher” antecipa teorias contemporâneas que entendem gênero como performance (Butler, 1990). Sua existência não binária não era uma negação biológica, mas uma desestabilização performática das categorias sociais de sua época.

Halberstam (2018), também contribui ao destacar a multiplicidade das expressões de gênero, especialmente aquelas que escapam à lógica cis-heteronormativa. A não-binariedade não está necessariamente ligada à orientação sexual e pode ou não implicar mudanças em nome, aparência, pronomes ou documentos oficiais. Reconhecer identidades não binárias, conforme argumenta Killermann (2013), é um passo essencial para uma sociedade que acolha a pluralidade das experiências humanas com respeito, liberdade e justiça.

A experiência de PUF como uma performatividade religiosa subverteu as normas de gênero de sua época. Butler (2003), defende que o gênero é uma construção social reiterada por meio de atos performáticos. Nesse sentido, a recusa de PUF em se identificar como homem ou mulher, bem como sua vida pautada por um chamado espiritual, representa uma existência queer antes mesmo da formulação contemporânea do conceito.

A teologia queer, por sua vez, como proposta por Althaus-Reid (2003, 2019), defende que corpos dissidentes reconfiguram espaços de espiritualidade. O corpo de PUF tornou-se um espaço simbólico de superação das dicotomias entre carne e espírito, norma e dissidência, criando possibilidades de transcendência também em relação ao gênero.

A teologia queer, conforme Althaus-Reid (2019), desestabiliza a imagem de um Deus cisgênero e masculino, propondo uma divindade que se manifesta na diversidade humana. Essa abordagem permite ressignificar figuras históricas como PUF, cuja espiritualidade dissidente antecipou debates contemporâneos sobre gênero e sagrado. (Eliade, 1987), articulando experiências humanas e espirituais que escapam às normas binárias de gênero.

Trata-se de uma visão transgressora e estratégica, rompendo com a ideia de um Deus fixo, masculino e cisgênero, e abrindo espaço para a aceitação de diversas formas de ser, estar e existir. A proposta da teologia queer sustenta que a divindade não deve ser limitada pelas construções sociais normativas, que impõem, em todas as esferas, inclusive no espaço público, restrições sobre gênero e sexualidade

(Althaus-Reid, 2019).

Deus é percebido como aquele que se manifesta na diversidade das experiências humanas e reconhece o valor das experiências trans e queer de modo amplo. Essa visão teológica é uma ruptura com as narrativas dominantes e uma reconciliação com a verdade de cada corpo, de cada identidade, e de cada experiência (Boehler, 2017).

Larson (2014) e Moyer (2015) documentam como PUF enfrentou escárnio e tentativas de deslegitimação por parte das autoridades religiosas da época. Essa repressão, mais que mera discriminação, visava apagar uma identidade que desafiava o binarismo estrutural, uma violência espiritual que ainda ecoa em debates contemporâneos sobre reconhecimento.

O sofrimento causado por essa opressão religiosa não é apenas psicológico, mas também existencial. A negação da identidade de gênero de uma pessoa é uma tentativa de apagar sua história, aniquilar a sua verdade. Ao não reconhecer a possibilidade de uma vivência espiritual que respeite a diversidade de gênero, o cristianismo perpetua um modelo de divindade que se distancia da concepção de um Deus que é amor, acolhimento e a favor da criação. Com isso, gera não apenas dor, mas uma ruptura entre os indivíduos e sua capacidade de se relacionar com o sagrado de maneira profunda (Althaus-Reid, 2023).

Ainda assim, mesmo com todos esses ataques, a Sociedade dos Amigos Universais perdurou até o início do século XIX. Mais recentemente, pesquisadoras/es dos estudos queer, de gênero e religião têm resgatado a história de PUF como um marco precoce de dissidência de gênero. Na atualidade sua vivência é interpretada como uma forma de resistência à imposição de categorias normativas, tanto no âmbito social quanto espiritual (Providence Public Library, s.d.).

A figura representada por PUF, amplia o campo da espiritualidade queer ao demonstrar que experiências religiosas podem escapar às normas binárias de gênero. Ao recusar pronomes e identidades tradicionais, PUF cria uma forma de liderança espiritual que desafia o modelo masculino-feminino, oferecendo um precedente histórico para a inclusão de corpos e identidades dissidentes (Brekus, 1998). Essa ação performativa ressoa com a proposta de Butler (1990, 2003) sobre gênero como performance e com a teologia queer de Althaus-Reid (2003, 2019), evidenciando que a espiritualidade pode se articular a partir da pluralidade e da autonomia de cada

indivíduo.

A recusa de Public Universal Friend em aceitar o gênero que lhe foi designado ao nascimento configura um gesto radical de insubmissão às normas de gênero cis-heteronormativas vigentes em sua época. Ao negar a designação “mulher”, rejeitar o matrimônio e os códigos comportamentais e vestimentas impostas ao feminino, PUF desafia diretamente o binarismo de gênero e a lógica cissexista, que naturaliza a correspondência entre sexo biológico, identidade de gênero e papel social. Essa postura também tensiona os alicerces do cristianismo hegemônico, cuja teologia institucionalizada serviu, e ainda serve, como aparato legitimadora da normatividade de gênero e da patologização das dissidências (Hamm, 2003).

O que PUF encarnou, de maneira pioneira, ressoa nas lutas atuais das pessoas não binárias que reivindicam a ruptura com as estruturas coloniais e patriarcais que controlam os corpos, os nomes e os desejos. Trata-se, portanto, de uma insurgência contra as amarras ontológicas impostas por uma teologia de controle, abrindo caminho para experiências espirituais e identitárias fundadas na autodeterminação e na dignidade plural dos sujeitos (Bogdanovicz e Santos, 2024).

Rejeitar o gênero não é pecado

A escolha de Public Universal Friend, por não assumir uma identidade de gênero alinhada ao socialmente estabelecido como feminino, designado ao nascimento, não foi uma atitude de desprezo a esse feminino ou uma tentativa de aproximação com o correspondente binário masculino, como se o segundo fosse algo superior. Pelo contrário, PUF rejeitou os limites impostos tanto ao que era considerado feminino quanto ao que era considerado masculino, optando por uma existência que transcendia essas categorias e rompendo com os dualismos estruturais da sociedade de sua época (Hamm, 2003; Brekus, 1998).

Desse modo, em vez de reproduzir hierarquias de gênero, PUF propôs um modo de ser desvinculado de amarras corporais, espirituais e sociais, evidenciando não uma negação das experiências socialmente construídas de mulheres, mas uma recusa a toda forma de enquadramento identitário imposto. Essa decisão revela uma profunda consciência de si e do mundo, demonstrando que sua vivência antecipou debates sobre gênero e identidade que viriam a ser pautados com mais força em

períodos posteriores (Butler, 1990; Boehler, 2017).

Sua existência desafiava o sistema sexo-gênero vigente e desestabilizava alicerces teológicos normativos da época, pois demonstrava que a relação com o divino não depende de identificação com categorias masculinas ou femininas. A teologia de PUF, logo, é uma forma de teologia não-binária, na qual a espiritualidade se fundamenta na liberdade ética e na experiência pessoal, independentemente de normas corporais ou sociais, uma perspectiva que se alinha à noção de Althaus-Reid (2023) de um “lugar indecente” teológico, onde o sagrado é recriado a partir de corpos e experiências que recusam as normas de pureza e identidade impostas.

Para Larson (2014) a comunidade de fé que se formou em torno de Public Universal Friend foi notável, pela coragem e coesão ao resistir às intensas pressões sociais, políticas e midiáticas que buscavam deslegitimar tanto sua liderança espiritual quanto a subversão da sua identidade de gênero. Em decorrência disso, em um contexto histórico profundamente marcado pelo binarismo de gênero, pelo cissexismo e pela hegemonia cristã institucionalizada, essas/es seguidoras/es não apenas acolheram, mas também defenderam ativamente a autoridade religiosa e a dignidade de PUF.

A comunidade recusou-se a sucumbir às provocações e às tentativas de escândalo promovidas por jornais, vizinhanças e representantes de igrejas tradicionais, mantendo-se unida em torno de princípios espirituais fundados na igualdade, na justiça e na liberdade de expressão identitária. Ao proteger sua liderança das imposições de gênero e das violências simbólicas da época, esse grupo se destacou como um exemplo histórico de aliança e resistência coletiva, promovendo uma fé inclusiva e transformadora em tempos de profunda intolerância (Larson, 2014; Moyer, 2015).

O falecimento de Public Universal Friend, ocorrido em 1819, marcou o início de um processo gradual de dispersão de sua comunidade de fé, que, ao longo das décadas subsequentes, foi absorvida pelas dinâmicas sociais e religiosas mais amplas do contexto norte-americano. Sem uma liderança sucessora capaz de manter a coesão do grupo, as/os seguidoras/es remanescentes foram se diluindo e o movimento acabou por desaparecer como corpo organizado (Larson, 2014; Moyer, 2015).

Releituras contemporâneas de PUF: Memória Queer, Transcentralidade e Espiritualidade Viva

Apesar das questões narradas no final do item anterior, a memória de PUF não se extinguiu por completo: foi reatualizada e ressignificada nos séculos XX e XXI por pesquisadoras/es e teóricas/os dos estudos de gênero queer e trans (Elfreth's Alley Museum, 2020; Yates County History Center, 2025). A figura de PUF passou, então, a ser reinterpretada não apenas como uma expressão singular de espiritualidade, mas como um antecedente histórico das resistências ao binarismo de gênero, ao cissexismo e às normatividades cristãs hegemônicas. Nesse novo enquadramento epistemológico, a trajetória de PUF adquiriu centralidade enquanto símbolo de dissidência e autonomia identitária, constituindo-se como objeto de análise crítica e inspiração para movimentos sociais contemporâneos (Larson, 2014).

Nos últimos anos, a figura de Public Universal Friend tem ganhado renovada atenção por parte de pesquisadoras/es, artistas e ativistas queer. O que outrora foi considerado por pesquisadores como uma anomalia histórica, tem sido reinterpretado como um marco fundante de espiritualidades dissidentes, de expressões de gênero não conformes e de teologias radicais que desafiam as normas institucionais do cristianismo ocidental (Moyer, 2015; Oyêwúmí, 1997).

Em espaços religiosos progressistas, especialmente em comunidades cristãs inclusivas e círculos interespirituais, PUF tem sido reconhecida como uma pessoa antecessora das lutas por justiça de gênero e sexualidade. Algumas igrejas queer norte-americanas referem-se a ela como símbolo de resistência espiritual, mencionando sua história em cultos temáticos ou projetos educativos voltados para a afirmação de pessoas trans e não binárias (New York Public Library, 2023).

A reapropriação de PUF na arte queer, seja em zines, performances ou ilustrações transforma sua imagem andrógina em ícone de resistência política. Essas releituras, como as registradas pelo Elfreth's Alley Museum (2020) e NYPL (2023), não apenas resgatam sua memória, mas a reativam como ferramenta de contestação no presente. (Museum of the American Revolution, 2025).

Além disso, em espaços de cultura pop e mídias digitais, há um crescente interesse por histórias de figuras históricas não binárias. Podcasts, vídeos educativos, posts virais em redes sociais e publicações em blogs de história queer têm recuperado

a memória de PUF, frequentemente associando-a a um imaginário coletivo de resistência (Providence Public Library, s.d, New York Historical Society, 2025).

Essa reapropriação cultural da sua trajetória não apenas democratiza o acesso à sua história, como também oferece identificação e inspiração para jovens que vivem experiências de gênero não normativas em contextos religiosos. Como afirma Althaus-Reid (2003), o corpo queer não apenas desafia a ortodoxia teológica, mas também reencena o divino em espaços considerados indecentes.

Tais reações contemporâneas demonstram que a história de PUF não pertence apenas ao passado: ela ecoa no presente como possibilidade viva de reimaginar o sagrado, o corpo e a liberdade espiritual. Ao ser retomado por diversas linguagens e comunidades, PUF se torna ponte entre tradição e transformação, fé e dissidência, revelando que a espiritualidade queer não é uma invenção moderna, mas uma herança viva, múltipla e ancestral.

Considerações Finais

A trajetória de Public Universal Friend revela que a dissidência de gênero pode emergir do próprio coração da experiência religiosa, desafiando a noção de que espiritualidade e normatividade binária são inseparáveis. PUF não foi uma figura isolada ou mera exceção histórica, mas um exemplo precoce de como a identidade não binária pode se constituir como ato teopolítico: uma recusa pública às categorias de homem e mulher que, longe de negar a fé, a radicalizou.

Ao liderar uma comunidade baseada na igualdade espiritual, na autonomia individual e na recusa aos pronomes de gênero, PUF demonstrou que a prática religiosa pode funcionar como um espaço de desobediência identitária. Sua existência antecipou debates contemporâneos sobre performatividade de gênero e teologia queer, mostrando que o corpo dissidente pode ser, ele mesmo, lugar de revelação, um território teológico onde o sagrado se manifesta fora dos quadros normativos.

A comunidade que se formou em torno de PUF praticou o que podemos chamar de uma ética relacional queer: uma forma de viver a fé que prioriza a dignidade do sujeito sobre as imposições sociais. Essa resistência coletiva não apenas protegeu sua liderança, mas construiu um modelo alternativo de espiritualidade, inclusivo, insurgente e profundamente encarnado na diferença.

Recuperar essa memória não é um exercício de revisionismo, mas um gesto de justiça epistemológica: iluminar histórias silenciadas que questionam as narrativas coloniais e cisnormativas sobre gênero e religião. O legado de PUF interpela tanto as ciências da religião quanto os movimentos queer contemporâneos, lembrando-nos que a luta pelo direito à autodefinição não começa no presente ela tem raízes profundas em corpos que, no passado, já ousaram viver fora dos binários.

Por fim, PUF nos convida a repensar a própria noção de autoridade espiritual: uma autoridade que não emana de hierarquias, gêneros ou instituições, mas da coerência ética de uma vida que se recusa a ser categorizada. Essa herança, longe de ser apenas histórica, permanece viva uma possibilidade aberta de imaginar o sagrado a partir da pluralidade, da coragem e da liberdade radical de ser.

Referências

- ALTHAUS-REID, Marcella. **Indecent theology: theological perversions in sex, gender and politics**. London; New York: Routledge, 2000.
- ALTHAUS-REID, Marcella. **The Queer God**. London; New York: Routledge, 2003.
- ALTHAUS-REID, Marcella. **Deus Queer**. Rio de Janeiro: Metanoia Editora, 2019.
- ALTHAUS-REID, Marcella. **Teología indecente: persiones teológicas en sexo, género y política**. Buenos Aires: Paidós, 2023.
- BARON, Dennis. **What's your pronoun? Beyond he and she**. New York: Liveright Publishing, 2020. Disponível em: <https://archive.org/details/2-5-baron>. Acesso em: 9 abr. 2025.
- BOGDANOVICZ, Fabiane Kravutschke; SANTOS, Kátia Alexsandra dos. Gênero, não-binariedade e colonialidade: uma reflexão decolonial. **Revista Periódicus**, Salvador, v. 1, n. 20, p. 106–120, 2024. DOI: 10.9771/peri.v1i20.54680. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/54680>. Acesso em: 10 dez de 2025.
- BUTLER, Judith. **Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity**. New York: Routledge, 1990.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BUTLER, Judith. **Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity**. 2.

Ed. New York; London: Routledge, 2007.

DANDELION, Pink. **An introduction to Quakerism**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

BARBOUR, Hugh; FROST, J. William. **The Quakers**. New York: Greenwood Press, 1988.

BARROS, Mariana Leal de; BAIRRÃO, José Francisco Miguel Henriques.

Performances de gênero na umbanda: a pombagira como interpretação afro-brasileira de “mulher”? **Revista Estudos Brasileiros**, Brasil, n.62, dez., 2015, pp.126-145.

BIRMAN, Patrícia. Transas e transes: sexo e gênero nos cultos afro-brasileiros, um sobrevôo. **Estudos feministas**, Florianópolis, 13(2): 256, maio-agosto, 2005.

BOEHLER, Genilma. **Vitral com Teologias Feministas e Queer**. Rio de Janeiro: Metanoia, 2017. p.106.

BREKUS, Catherine A. **Strangers and Pilgrims: female preaching in America, 1740–1845**. Chapel Hill, NC: University of North Carolina Press, 1998. 466 p. ISBN 0807847453.

DANIELS, C. Wess; HEALEY, Robynne Rogers; KERSHNER, Jon R. **Quaker Studies: An Overview – The Current State of the Field**. Leiden; Boston: Brill, 2018.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

ELFRETH'S ALLEY MUSEUM. **Episode 3: The Public Universal Friend in Philadelphia**. Podcast, Filadélfia, 7 jul. 2020. Disponível em:

<https://www.elfrethsalley.org/podcast/2020/7/7/episode-3-the-public-universal-friend-in-philadelphia>. Acesso em: 13 dez. 2025.

GAUSTAD, Edwin S. **Roger Williams: prophet of liberty**. New York: Oxford University Press, 2001.

GOMES, A. S. **Literatura norte-americana**. Curitiba, PR: IESDE Brasil, 2009.

HAMM, Thomas D. **The Quakers in America**. New York: Columbia University Press, 2003.

HALBERSTAM, Jack. **Female Masculinity**. Twentieth Anniversary Edition. Durham: Duke University Press, 2018.

JUSTER, Susan. “Neither Male Nor Female”: Jemima Wilkinson and the Politics of

Gender in Post-Revolutionary America. In: ST. GEORGE, Robert (org.). **Possible pasts: becoming colonial in early America**. Ithaca, NY: Cornell University Press, 2018. p. 357–379. DOI: 10.7591/9781501717864-018.

JONES, Rufus M.; SHARPLESS, Isaac; GUMMERE, Amelia M. **The Quakers in the American colonies**. London: Macmillan and Co., limited, 1911. Xxxii, 603 p. + 4 mapas dobráveis; 22 cm. Disponível em:

<https://catalog.hathitrust.org/Record/001593624>. Acesso em: 13 dez. 2025.

KILLERMANN, Sam. **A Guide to Gender: The Social Justice Advocate's Handbook**. Washington: Sage Publications, 2013.

LARSON, Scott L. “Indescribable Being’: Theological Performances of Genderlessness in the Society of the Publick Universal Friend, 1776–1819”. **Early American Studies**, v. 12, n. 3, p. 576–600, Fall 2014.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

LUGONES, Maria. Coloniality of gender. **Worlds & Knowledges Otherwise**, v. 2, p. 1–17, 2008.

MOYER, Paul B. **The Public Universal Friend: Jemima Wilkinson and Religious Enthusiasm in Revolutionary America**. Ithaca: Cornell University Press, 2015.

Disponível em: <https://www.amazon.com/Public-Universal-Friend-Enthusiasm-Revolutionary/dp/0801454131>. Acesso em: 9 abr. 2025.

MUSEUM OF THE AMERICAN REVOLUTION. **The Public Universal Friend**. Read the Revolution. Disponível em: <https://www.amrevmuseum.org/read-the-revolution/the-public-universal-friend>. Acesso em: 9 abr. 2025.

NOLL, Mark A. **America's God: From Jonathan Edwards to Abraham Lincoln**. New York: Oxford University Press, 2002.

NEW YORK PUBLIC LIBRARY. **Who Was the Public Universal Friend, a Person Living Outside the Gender Binary in Revolutionary Times**. 16 fev. 2023.

Disponível em: <https://www.nypl.org/blog/2023/02/16/who-was-public-universal-friend-living-outside-gender-binary-revolutionary-times>. Acesso em: 9 abr. 2025.

NEW-YORK HISTORICAL SOCIETY. Public Universal Friend. Women's Activism and the American Story. Disponível em: <https://wams.nyhistory.org/settler-colonialism-and-revolution/settler-colonialism/public-universal-friend/>. Acesso em: 9 abr. 2025.

PROVIDENCE PUBLIC LIBRARY. **Public Universal Friend**. Community Archives: LGBTQ+. Disponível em: <https://www.provlib.org/research-collections/community-archives/lgbtq/public-universal-friend/>. Acesso em: 9 abr. 2025

PROVIDENCE PUBLIC LIBRARY. **Public Universal Friend**. Community Archives: LGBTQ+. Disponível em: <https://provlib.org/research-collections/community-archives/lgbtq/public-universal-friend/>. Acesso em: 20 de dezembro de 2025

OYÈWÙMÍ, Oyèrónké. **The invention of women: making an African sense of Western gender discourses**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997.

DOS REIS, N.; CASTRO, R. P. de. Narrativas de experiências na não-binaridade: discutindo gênero, identidades e diferenças. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, [S. l.], v. 4, n. 11, p. 504–520, 2019. DOI: 10.31892/rbpab2525-426X.2019.v4.n11.p504-520. Disponível em:

<https://revistas.uneb.br/rbpab/article/view/5979>. Acesso em: 14 dez. 2025.

SEGATO, Rita Laura. **La guerra contra las mujeres**. Madrid: Traficantes de Sueños, 2014.

YATES, County History Center. **Scherer Church**. Disponível em: <http://www.yatespast.org/schererch.html>. Acesso em: 13 dez. 2025.

QUEER MEMORY:

Non-binarity and Dissident Spirituality in Public Universal Friend (1752–1819)

Abstract

This article proposes a critical analysis of the historical figure Public Universal Friend (PUF) from an intersectional perspective that articulates queer theology, gender studies, and the history of religion. The research seeks to understand how PUF, upon rejecting a binary gender identity after a near-death experience in the 18th century, destabilized the theological and normative systems of their time, promoting an alternative spirituality that transcended prevailing social, bodily, and identity frameworks. Based on qualitative bibliographic review, key works in the fields of queer studies and indecent theology were mobilized, especially the contributions of Marcella Althaus-Reid (2003, 2019, 2023) and Judith Butler (1990, 2007), as well as historical sources and digital archives on PUF made available by North American institutions. The methodology adopted is analytical and interpretive, with a hermeneutical focus, aiming to understand the discursive and symbolic construction of PUF's figure, their prophetic role, and the reception of their religious leadership by their community. The article also examines the sociopolitical impact of their dissident existence in the context of English colonization in North America and how PUF's rejection of gender categories was understood, contested, or erased in historical records. The analysis shows that their identity was not based on the denial of a specific gender, but on overcoming any form of imposed normativity, proposing an ethical, spiritual, and radically free way of being. Finally, it is argued that the reemergence of PUF in contemporary scholarship is directly linked to the advancement of queer theories and inclusive theology, which offer new lenses to recognize historically silenced lives. The case of PUF invites an expansion of the field of religious studies beyond hegemonic epistemologies, paving the way for investigations that integrate spirituality and gender dissidence as legitimate categories of analysis.

Keywords

Nonbinarity; Diversity; Queer Theology; Public Universal Friend; Quaker.

Agradecimentos: Não se aplica**Agência financiadora:** Não se aplica**Contribuições das pessoas autoras:** Blue Mariro realizou integralmente a pesquisa, sendo responsável pela concepção do estudo, definição da metodologia, levantamento e análise da bibliografia, coleta e interpretação dos dados, redação do manuscrito, revisão crítica do texto e aprovação da versão final para publicação.

Orientação e/ou supervisão. Todas as pessoas autores devem manifestar concordância com a versão final apresentada para a publicação. Blue Mariro concorda com a versão final.

Aprovação por Comitê de Ética e consentimento para participação: Não se aplica**Conflito de interesses:** Não se aplica**Declaração de utilização de Inteligência Artificial:** Declaração de inexistência de utilização de ferramenta de IA.**Pessoa autora correspondente:** Blue Mariro. Doutor em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Contato: dr.bluemariro@gmail.com Antônio Dias, 103, Vila Marcia, Cachoeirinha - RS 94930080.

Recebido em: 25/10/2025

Aceito em: 15/07/2026